






IDENTIDADE RACIAL E PERCEPÇÃO DO VALOR SOCIAL DOS GRUPOS PELAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE EM TERMOS DE DESENVOLVIMENTO

Racial identity and children perception of the social value of groups: an analysis in terms of development

Ueliton Santos **MOREIRA-PRIMO**
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Brasil
uelitonpsi@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0001-7784-5341> 

Dalila Xavier de **FRANÇA**
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Sergipe – UFS
São Cristóvão, Brasil
dalila@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0002-0431-3034> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este estudo analisa os efeitos da cor da pele e da idade na identidade racial e na percepção do valor social do negro e do branco em crianças brasileiras. A identidade racial foi examinada por meio da avaliação emocional, associada ao pertencimento racial da criança, e a percepção do valor social dos grupos por meio do quanto as crianças avaliam que as outras pessoas gostam dos negros e dos brancos. Participaram no estudo 136 crianças brancas, pardas e pretas, com idades variando dos 6 aos 11 anos e residentes em duas cidades do Nordeste brasileiro. Os principais resultados indicam que as crianças pardas e as crianças pretas de 6 e de 7 anos são as que menos gostam de ser negras e as que mais preferiam pertencer ao grupo dos brancos; enquanto as crianças brancas, em todas as idades, gostam de ser brancas e preferem pertencer ao seu próprio grupo racial. No que se refere à percepção do valor social, os resultados mostram que crianças brancas, pardas e pretas, de forma indiferenciada, entre as idades de 6 a 11 anos, avaliam que o grupo branco é o mais valorizado socialmente. Os resultados são analisados e discutidos à luz da teoria da identidade social e do racismo na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade racial. Valor social dos grupos. Racismo. Crianças. Idade.

ABSTRACT

This study analyzes the effects of skin color and age on racial identity and the perception of social value of black and white people in Brazilian children. Racial identity was examined by emotional assessment, associated with the child racial belonging, and the perception of social value of groups through the extent to which children assess that other people like black and white people. Participated in the study 136 white, brown and black children, with ages ranging from 6 to 11 years and living in two cities in the northeast of Brazil. The main results indicate that brown and black children of 6 and 7 years of age are those who least like to be black and those who most prefer to belong to the group of whites; insofar white children at all ages like to be white and prefer to belong to their own racial group. Regarding the perception of social value, the results show that white, brown and black children, in an undifferentiated way, ranging the ages of 6 to 11 years, evaluate the white group as the most socially valued. The results are analyzed and discussed in the light of the theory of social identity and racism in childhood.

KEYWORDS: Racial identity. Social value of groups. Racism. Children. Age.

INTRODUÇÃO

Desde o final da Primeira Guerra Mundial, o fenômeno das relações intergrupais tem preocupado psicólogos sociais, especialmente sobre o como e as circunstâncias nas quais os contatos entre os grupos humanos repercutem na construção e na gestão da identidade social (CAMINO; TORRES, 2013; VALA; MONTEIRO, 2013). No início da década de 1970, os estudos sobre o grupo mínimo (TAJFEL; BILLIG; BUNDY; FLAMENT, 1971) impulsionaram as análises da identidade no contexto intergrupar, no âmbito da Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel (1981). Nesse contexto, destacam-se as análises sobre a influência do racismo na identidade de grupos raciais e étnicos.

A maior parte dos estudos, os quais buscaram discorrer sobre as repercussões do racismo nas identidades de grupos raciais, foi realizada na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, contudo, são raras as pesquisas publicadas com esse foco, como mostra a revisão de literatura de Airi Sacco, Paula Couto e Sílvia Koller (2016), que reuniram e analisaram estudos com foco em preconceito racial publicados pela Psicologia brasileira. Nas pouco mais de setenta publicações encontradas na revisão, constata-se a prevalência de participantes adultos e universitários. Nota-se que, no contexto brasileiro, pouco se sabe ou se publicam estudos sobre o processo de desenvolvimento da identidade racial das crianças e os efeitos produzidos pelo racismo nesse processo, bem como sobre em que momento da vida as crianças são capazes de perceber o valor social atribuído aos grupos raciais. Diante dessa lacuna da literatura, questões importantes permanecem sem resposta, a exemplo de: o quanto e em que medida a percepção que a criança tem do valor que a sociedade atribui a seu grupo interfere na identidade racial dela? E como essa possível interferência na identidade se modifica considerando seu grupo racial (cor da pele) e sua idade?

Com base nesses questionamentos, este artigo se propõe a fornecer uma maior compreensão acerca do desenvolvimento da identidade racial e da percepção do valor social de grupos raciais nas crianças. Para tal, um estudo empírico foi conduzido com o objetivo de analisar os efeitos da cor da pele e da idade na identidade racial e na percepção do valor social dos negros e dos brancos, em crianças negras e brancas de 6 a 11 anos. Destaca-se que o termo "raça" adotado neste trabalho não se refere a diferenças biológicas, mas sim à noção de "raça" enquanto construção e categoria social, que consiste na categorização de indivíduos como pertencentes a grupos raciais específicos, com base nas suas características fenotípicas (e.g., cor da pele, textura de cabelo, traços faciais) (CABECINHAS, 2007; LIMA; VALA, 2004; MUNANGA, 2004).

Neste trabalho, são analisados dados de entrevistas realizadas com 136 crianças negras e brancas. Os dados permitem compreender a interferência negativa do racismo na identidade racial das crianças negras, bem como avançar no entendimento de que o tratamento dispensado aos grupos raciais não escapa da percepção das crianças, que reconhecem, desde muito cedo, como a sociedade trata os diferentes grupos raciais. Inicialmente, são apresentados os conceitos e o estado da arte dos principais termos envolvidos na análise do trabalho e, em seguida, apresenta-se o estudo empírico.

IDENTIDADE SOCIAL E IDENTIDADE RACIAL

Henri Tajfel (1981) define a identidade social como a parte do autoconceito do indivíduo, que deriva da sua consciência de pertença a um grupo ou a uma categoria social, junto com o valor e o significado emocional dessa pertença. Dois aspectos subjazem a esse conceito. Primeiro, a identidade social é fruto do processo de tomada de consciência do indivíduo no sentido de que ele pertence a um grupo ou a uma categoria social pelo fato de ter características que o tornam parte desse grupo e que o distinguem de um outro grupo ou uma outra categoria social. Segundo, a tomada de consciência estende-se para a percepção do valor social do grupo e para o significado emocional que essa pertença possui para o sujeito.

A identidade se constitui pela comparação do próprio grupo do indivíduo (endogrupo) com os outros grupos (exogrupos). Esse processo pode resultar em uma identidade positiva, se elementos positivos estiverem associados a seu grupo, ou, ao contrário, em uma identidade negativa, se o indivíduo percebe mais elementos negativos associados ao seu grupo (TAJFEL; TURNER, 1979, 1986). Assim, a distinção positiva ou negativa de um grupo se estabelece no contexto social e em comparação com outros grupos. Ou seja, pelo processo de comparação social, a identidade possibilita ao indivíduo a percepção de seu lugar social, bem como o lugar social do grupo ao qual pertence, contribuindo para que perguntas como “quem sou eu?” e “a qual grupo social eu pertencço?” sejam relativamente respondidas.

Um dos principais pressupostos da Teoria da Identidade Social é o de que os indivíduos se esforçam para manter ou elevar a sua autoestima e o autoconceito positivo. A elevação da autoestima e a busca por um autoconceito positivo estão associados ao valor e ao estatuto social positivo ou negativo que têm os grupos sociais; quanto mais baixo for o valor e o estatuto social de um grupo, em comparação com outro grupo, menor é a possibilidade de se ter uma identidade social positiva por parte

do indivíduo pertencente ao grupo de baixo valor e estatuto social (CABECINHAS, 2007). Nesse sentido, o desenvolvimento de uma identidade social positiva ou negativa está intimamente ligado ao valor e ao estatuto social dos diferentes grupos sociais.

Na constituição da sua identidade, os indivíduos, inicialmente, organizam o seu ambiente recorrendo a categorias, de modo que ideias e objetos são reconhecidos e diferenciados. É o processo de categorização social que conduz os indivíduos a acentuarem as similaridades das características de uma mesma categoria e, ao mesmo tempo, as diferenças entre as categorias, a fim de organizar os objetos sociais em termos de semelhanças e de diferenças (TAJFEL, 1978, 1981). Trata-se de um processo complexo, pois os indivíduos apresentam várias identidades, conforme os grupos nos quais estejam inseridos (ROCCAS; BREWER, 2002).

Uma das mais importantes formas de identificação social, nas modernas sociedades, é a identidade racial. Ela pode ser entendida como o conhecimento ou a consciência, por parte do indivíduo, de que ele pertence a um grupo racial e que possui as características que o tornam semelhante aos demais indivíduos pertencentes a esse grupo, ao passo que se torna diferente dos indivíduos pertencentes a outros grupos (inclui-se, nessa perspectiva, a cor da pele, o tipo de cabelo e a estrutura facial) e, ainda, a significação emocional e valorativa da sua pertença.

Os primeiros indícios do desenvolvimento da identidade racial, na infância, podem estar na percepção das diferenças, pelas crianças, da tonalidade de cor de pele das pessoas. De modo que, aos três anos de idade, as crianças já podem identificar, classificar e rotular pessoas por grupos raciais (ABOUD, 1987; CLARK; CLARK, 1947; CLARK; COOK, 1988; HIRSCHFELD, 1995; MILNER, 1983; RAMSEY, 1987). Todavia, esses estudos foram feitos, sobretudo, em sociedades "birraciais", nas quais a distinção entre brancos e não brancos segue mais os princípios de uma categorização discreta do que contínua. Como se dá a identificação racial da população brasileira que, como em outros países da América Latina, tende a ser pautada na aparência?

No Brasil, diferentemente do que ocorre em países como os Estados Unidos, onde a identificação racial é baseada na origem ou na descendência, não há uma regra precisa de descendência biológica para a pertença a um grupo racial, prevalecendo as identificações e classificações baseadas no fenótipo (e.g., cor da pele, textura do cabelo) (TRINIDAD, 2011). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019a), que estima que, no país, vivam cerca de 210 milhões de pessoas, os negros representam a maioria dessa população (56,2%), seguida da população branca (42,7%). O IBGE pesquisa a cor ou raça da população com base na autodeclaração, de

acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. O grupo dos negros é representado pela somatória da população parda e preta.

Assim como em outras sociedades, a capacidade de categorização dos grupos raciais está presente nas crianças brasileiras a partir da primeira infância. Em um estudo realizado com 238 crianças brasileiras (brancas, pardas e pretas) de 5 a 10 anos, Dalila França e Maria Benedicta Monteiro (2002) observaram que aos 5 anos, pouco mais de 80% das crianças são capazes de categorizar os grupos raciais (isto é, identificar e nomear que uma pessoa é branca e outra é negra) e aos 9 e 10 anos, essa capacidade aumentou para 95%. Quanto a autocategorização, foi constatado que 80% das crianças brancas perceberam-se como brancas, enquanto 54% das crianças pardas se autoperceberam como tal e apenas 40% das crianças pretas se autoperceberam em conformidade com o seu grupo. Esse dado foi interpretado pelas pesquisadoras como evidência do efeito do racismo sobre a identidade das crianças negras, cuja identificação com o seu grupo racial era bem mais baixa, comparada com as crianças brancas. Dados semelhantes foram encontrados recentemente em outras pesquisas nacionais (e.g., CAMILO et al., 2020; SILVA et al., 2021), demonstrando a persistência dos impactos deletérios do racismo na identidade racial de crianças negras brasileiras.

RACISMO, VALOR SOCIAL DOS GRUPOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DAS CRIANÇAS

Vários autores afirmam que, paralelamente ao desenvolvimento da categorização racial, inicia-se a compreensão das noções sobre o valor social dos grupos raciais nas crianças (e.g., BENTO, 2012; CLARK; COOK, 1988; MILNER, 1983; MONTEIRO, 2002). Essa percepção deriva da comparação intergrupala, que se dá pela observação de que, por exemplo, a maioria dos indivíduos negros ocupa um status social desigual e desvalorativo, comparado à maioria dos indivíduos brancos. Essas diferenças, de fato, existem, como mostram os dados da Síntese de Indicadores Sociais (2018) e das Desigualdades Sociais por Cor ou Raça (2019b): os negros estão em proporção maior entre as pessoas desempregadas e subempregadas no Brasil; ocupam trabalhos mais informais; recebem menos que os brancos, mesmo quando têm um nível educacional semelhante. Além disso, a presença dos negros é mais acentuada nas atividades agropecuárias, na construção civil e nos serviços domésticos, atividades, tradicionalmente, pior remuneradas que a média de todas as atividades.

A comparação social permite à criança perceber como um indivíduo ou um grupo é tratado relativamente ao tratamento dado a um outro indivíduo ou a um outro grupo. O processo de comparação social ocorre muito cedo, como observam as investigações sobre as origens da justiça em crianças pequenas (e.g., SHESKIN; BLOOM; WYNN, 2014). Crianças pequenas não gostam de estar em desvantagem nessas comparações. Quando uma criança percebe que está em desvantagem, pode evocar respostas de incômodo e chateação em relação à injustiça. Vanessa LoBue e colaboradores (2009) realizaram um estudo em que distribuíam um número desigual de recompensas (adesivos) para crianças de 3 a 5 anos e sondaram as suas respostas relativamente à desigualdade. As autoras descobriram que crianças de 3 anos de idade notam e reagem negativamente se receberem menos adesivos do que outra criança. Esse achado mostra que o desenvolvimento da justiça está relacionado ao processo de comparação social, pois a criança percebeu que ela estava em desvantagem de tratamento em comparação à outra criança. Já as respostas de insatisfação das crianças que receberam menos adesivos estão relacionadas com o incômodo pela percepção da própria desvantagem.

As comparações que as crianças fazem do seu grupo com os outros grupos têm um papel importante na produção da distintividade positiva do endogrupo e na construção de um senso de autoestima (TAJFEL; TURNER, 1979, 1986), de modo que, ao perceberem que o seu grupo social é desvalorizado e discriminado, nas distribuições de recursos materiais e simbólicos, crianças pertencentes a esses grupos são constantemente envolvidas em uma rede de emoções e conflitos, a exemplo de sentimentos de insatisfação, de rejeição e de baixa autoestima (FRANÇA; MONTEIRO, 2002). No Brasil, as comparações entre grupos raciais ocorrem frente a uma realidade marcada pelo racismo sistêmico; tal fenômeno é responsável por perpetuar privilégios, poder e vantagens estruturais para os brancos, e o oposto ocorre para os negros (LIMA; VALA, 2004; MUNANGA, 2004). Tal fato, muitas vezes, produz nas crianças negras um sentimento emocional negativo em relação ao seu pertencimento.

A avaliação emocional da pertença é um elemento fundamental da identidade (TAJFEL, 1981). Refere-se às emoções da criança frente à tomada de consciência da sua pertença a um grupo, a exemplo do gosto ou desgosto com o seu pertencimento ou o desejo de pertencer a outro grupo, isto é, desejo pela mobilidade social. Um exemplo disso é ilustrado no estudo de França e Monteiro (2002), que demonstrou que o racismo, no Brasil, produz nas crianças negras a vontade de não serem negras. Já as crianças brancas, entrevistadas pelas autoras, se mostraram satisfeitas com o seu pertencimento racial e não desejavam mudar suas características fenotípicas. As

autoras observaram que as crianças negras mais novas, de 5 e 6 anos, eram as que menos gostavam de ser negras e as que mais desejavam ser diferentes; com o aumento da idade (8 a 10 anos) passavam a gostar mais de ser como eram e não desejavam mudar suas características fenotípicas. No entanto, as crianças negras mais velhas se percebiam como pardas, ou seja, ocorria uma desidentificação com o grupo negro; assim, para gostarem mais de si, elas se percebiam como “menos negras”.

Nas crianças negras mais novas, o desejo ainda maior por mudar suas características pode estar relacionado a diversos fatores (ver FRANÇA; MONTEIRO, 2002). Um indício que pode tornar esse desejo mais saliente é que, até aos 7 anos de idade, as crianças podem acreditar que a identidade racial é mutável e temporária (ABOUD, 1988), causada por condições ambientais (por exemplo, os efeitos de bronzeamento do sol) (RAMSEY, 1987). Todavia, outros estudos afirmam que crianças pequenas já percebem a raça como um dado biológico, pela herança genética (e.g., HIRSCHFELD, 1995). Já crianças negras mais velhas podem apresentar uma maior compreensão das causas que produzem a desvalorização social do negro, como a existência do racismo. Por exemplo, Stephen Quintana e colaboradores (1994, 1999) avaliaram a consciência de crianças mexicanas-americanas sobre estereótipos contra o seu próprio grupo, perguntando a elas porque alguém poderia não gostar de um membro do seu grupo étnico. Eles descobriram que a capacidade das crianças de deduzir o estereótipo de um indivíduo aumenta drasticamente com a idade. Mas, é somente após os 10 anos de idade que as crianças se referem, consistentemente, a estereótipos e a preconceitos como uma razão pela qual alguém pode não gostar de pessoas de um determinado grupo. A compreensão das crianças sobre o preconceito e o racismo pode representar um aspecto importante no desenvolvimento das suas identidades raciais. Nas crianças negras mais velhas, tal compreensão pode servir de base para o questionamento e a não aceitação das imposições do racismo.

Estudiosas do racismo na infância, como Cristina Trinidad (2011), Eliane Cavalleiro (2012) e Maria Aparecida Bento (2012), afirmam que o racismo, no Brasil, impacta o bem-estar e a identidade das crianças negras, visto que, ao perceberem a desvalorização social do seu grupo, sentem desconforto em relação ao seu pertencimento. Afinal, se aos brancos são atribuídas características positivas, como “inteligentes”, “bons”, “bonitos”; aos negros, por vezes, são atribuídas características negativas, como “menos inteligentes”, “maus”, “feios”. Para as autoras, essa difusão de estereótipos racistas visa legitimar a supremacia branca e produzir na criança negra o desejo pelo branqueamento, levando-a a se reconhecer como participante de um

grupo inferior e a entender, posteriormente, que o pertencimento a este grupo lhe é desfavorável. Enquanto que a supervalorização do grupo branco pode levar a criança branca a se reconhecer, equivocadamente, participante de um grupo superior, alimentando o racismo que está na base do sistema de privilégios e poder.

Por outro lado, quando são utilizadas estratégias para o fortalecimento da identidade de crianças negras e para o combate ao racismo, podem ocorrer mudanças nas identidades raciais das crianças. Conforme Jean Phinney (1996), o questionamento frente ao racismo é um importante fator na afirmação positiva da identidade. Para a autora, a formação positiva da identidade racial depende de um processo de exploração que inclui o questionamento de atitudes raciais preexistentes e a busca das experiências passadas e presentes de um grupo e suas relações com outros grupos raciais. Esse processo conduz idealmente ao desenvolvimento de um sentido positivo e seguro da identidade de alguém como membro de um grupo racial, juntamente com a aceitação de outros grupos. Nesse sentido, quando crianças negras estão diante de um contexto social com a presença de atitudes positivas, a exemplo da valorização do seu grupo e do respeito aos diferentes grupos, os efeitos podem ser o do orgulho, o da aceitação e o da afirmação positiva da identidade (DORIA; FRANÇA; LIMA, 2021).

Com base no exposto, considera-se de grande relevância social e científica o desenvolvimento de estudos, no Brasil, que visem examinar como crianças negras e brancas constroem suas identidades raciais e quando passam a perceber o valor social atribuído aos seus grupos raciais. Com esse propósito, apresenta-se a seguir um estudo que buscou analisar os efeitos da cor da pele e da idade na identidade racial e na percepção do valor social dos negros e dos brancos, em crianças negras e brancas de 6 a 11 anos. As principais hipóteses formuladas são:

- (1) Crianças brancas, independentemente da idade, gostarão mais de sua cor do que as crianças negras (pretas e pardas); no grupo das crianças negras, aquelas identificadas como pardas gostarão mais de sua cor do que as crianças pretas; crianças negras mais novas (6-7 anos) gostarão menos de serem como são do que as crianças mais velhas (8-11 anos).
- (2) Em todos os grupos de idades, crianças brancas preferirão ser brancas. Crianças pardas e pretas mais novas (6-7 anos) tenderão a preferir ser brancas.
- (3) Em todos os grupos de idade, crianças brancas, pardas e pretas perceberão que o grupo dos brancos, em comparação com o grupo dos negros, possui maior valor social, ou seja, é mais valorizado socialmente.

MÉTODO

Participantes

Participaram no estudo 136 crianças, sendo 56 (41,2%) brancas, 34 (25%) pardas e 46 (33,8%) pretas. A maioria delas, 77 (56,6%), são do sexo feminino e 59 (43,4%) do sexo masculino, com a média de idade de 8,56 anos ($DP= 1,107$). Com base em França e Monteiro (2002), decidiu-se agrupar, em uma mesma faixa de idade, crianças de 6 e 7 anos, crianças de 8 e 9 anos e crianças de 10 e 11 anos, correspondente ao grupo racial. Após esse agrupamento, a frequência final das idades e pertenças raciais pode ser visualizada na Tabela 1.

Tabela 1- Frequências da idade e cor da pele agrupadas

Idade	Branças	Pardas	Pretas	N	%
6 e 7 anos	17	11	15	43	31,6%
8 e 9 anos	19	12	15	46	33,8%
10 e 11 anos	20	11	16	47	34,6%
Total	56	34	46	136	100%

Fonte: elaborada pelos autores.

As crianças foram entrevistadas em duas cidades do Nordeste brasileiro, estando uma localizada na capital da Paraíba e a outra no interior da Bahia, em 2019. Foi feito um controle em relação à idade, à cor da pele e ao gênero das crianças, para que houvesse uma frequência similar em ambas as cidades. Todas as crianças estudam em escolas da rede pública, nos anos iniciais do ensino fundamental. Optou-se por juntar as amostras das duas cidades e, posteriormente, analisar se o contexto teria alguma influência nas variáveis investigadas.

Procedimentos

Inicialmente, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição e registrada na Plataforma Brasil (número do parecer: 3.303.632), seguindo os procedimentos das normas estabelecidas pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde. Com a aprovação do Comitê de Ética, realizaram-se os contatos e solicitou-se o consentimento das escolas e dos pais para a realização do estudo. Após o consentimento, convidou-se cada criança, individualmente, a participar nas entrevistas, a quem era explicada que a participação era voluntária e que poderia se recusar a participar ou interromper a sua participação, a qualquer momento, e que o sigilo das respostas era assegurado. As crianças foram entrevistadas em suas próprias

escolas, individualmente, por um entrevistador treinado (perfil do entrevistador: homem, pardo), em uma sala reservada para a pesquisa. As entrevistas foram gravadas e tiveram a duração média de 20 minutos.

Antes que se iniciasse a entrevista, o pesquisador classificou a cor da pele da criança, por meio de uma escala de heterocategorização, baseando-se no estudo de França e Monteiro (2002). A escala variava de 1 a 7 pontos; considerou-se na heterocategorização: de 1 a 3, as crianças com fenótipo dos brancos; entre 4 e 5, as crianças com fenótipo dos pardos; e, nos pontos 6 e 7, as crianças com fenótipo dos pretos. As crianças também se autocategorizavam. Fotografias de quatro crianças, duas brancas e duas negras, previamente testadas por França e Monteiro (2002), foram utilizadas para a autocategorização das crianças. Para entrevistados do sexo masculino, apresentavam-se fotografias de meninos e para entrevistadas do sexo feminino, fotografias de meninas. Foi perguntado à criança: "qual desses se parece mais com você?". A resposta era em termos da escolha da fotografia de uma criança do grupo racial mais parecido ao da criança entrevistada. Em seguida, questionava-se se a cor da criança escolhida era branca ou negra.

Neste estudo, as crianças negras (pardas e pretas) se perceberam mais parecidas com a fotografia da criança negra, e responderam que a criança escolhida era negra. Já as brancas, se perceberam mais parecidas com a fotografia da criança branca, e responderam que ela era branca. Um teste de Correlação de Pearson foi realizado, para verificar a correlação entre a heterocategorização, feita pelo pesquisador, e a autocategorização, feita pela própria criança. O teste mostrou uma correlação positiva, alta e significativa entre a heterocategorização e a autocategorização ($r = 0,88$, $p = 0,001$). Este resultado confirma que as crianças de cada grupo investigado são percebidas e se percebem em conformidade com os seus grupos e validam o primeiro critério determinante da identidade, conforme a definição de Tajfel (1978, 1981), relativamente a se perceber e ser percebido como pertencente a um grupo racial.

Instrumentos

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista estruturada baseada em França e Monteiro (2002). Para examinar a identidade racial, utilizou-se o componente da avaliação emocional da pertença, por duas perguntas. A primeira pergunta examinou o quanto elas gostam de ser como são. Perguntava-se: "Você gosta de ser branca/o?", se a criança era branca; e "Você gosta de ser negra/o?", se a criança era negra (parda

ou preta). A resposta era em termos de uma escala de quatro pontos que variou entre "muito", "mais ou menos", "pouco" e "nada". Para auxiliar nas respostas a esta questão, foi elaborado um gráfico contendo quatro copos apresentando quatro diferentes graus de preenchimento. Um copo cheio representava "muito"; um copo meio representava "mais ou menos"; um copo com preenchimento bem abaixo da metade representava "pouco" e, por fim, um copo vazio representava "nada". Para a análise, os 4 pontos da escala foram codificados (1= Não gosta; 2= Gosta pouco; 3= Gosta mais ou menos; 4= Gosta muito). Espera-se que crianças que tenham uma identidade racial mais positiva apresentem valores mais próximos de 4.

A segunda pergunta, de escolha forçada, examinou o quanto as crianças preferiam ser do próprio ou do outro grupo. Perguntava-se: "Você preferia ser branco ou negro?" Para auxiliar nas respostas a esta questão, foram utilizadas duas das fotografias testadas por França e Monteiro (2002): uma, de uma criança negra e a outra, de uma branca (de acordo com o gênero da criança entrevistada). Espera-se que crianças que tenham uma identidade mais positiva em relação à sua pertença racial prefiram ser do próprio grupo.

Para aferir a percepção do valor social dos grupos, foram elaboradas duas perguntas, que versavam sobre a avaliação da criança acerca do quanto as outras pessoas gostam de pessoas brancas e de pessoas negras. Perguntava-se: (1) "As outras pessoas gostam de pessoas com a cor de pele branca?" e (2) "As outras pessoas gostam de pessoas com a cor de pele negra?". A resposta era em termos de uma escala de três pontos que variou entre "muito", "mais ou menos" e "nada". Para auxiliar nas respostas a estas questões, foi usado o mesmo gráfico de copos da resposta à questão "você gosta de ser branco/negro?", contendo três copos representando três diferentes graus de preenchimento. A escala variou em 3 pontos, sendo: 1= Não gosta; 2= Gosta mais ou menos; 3= Gosta muito. Para auxiliar nas respostas às questões, foram apresentadas às crianças as mesmas fotografias utilizadas nas perguntas anteriores.

Todas as análises foram realizadas por meio do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 23 (para uma melhor compreensão acerca do programa, sugerimos ver FIELD, 2009). Os testes estatísticos utilizados neste trabalho foram: ANOVA, testes *post-hoc* e Qui-quadrado. Tais testes tiveram como objetivo identificar se há ou não diferenças significativas na identidade racial e na percepção do valor social dos grupos, considerando os grupos de idade e de pertencimento racial das crianças entrevistadas.

RESULTADOS

Identidade racial (“gostar de ser branco/negro”)

Uma Análise de Variância (ANOVA) foi realizada para testar a hipótese 1, que verificou os efeitos da idade e da cor da pele, como variáveis independentes, na identidade racial (gostar de ser branco/negro), como variável dependente. Inicialmente, verificou-se que tanto o gênero (menino ou menina), $F(1,135) = 0,394$, $p = 0,53$, quanto a região (interior ou capital), $F(1,135) = 0,059$, $p = 0,80$, das crianças, não influenciaram a identidade racial. Isto é, o quanto as crianças brancas, pardas e pretas gostam de ser brancas ou negras não sofreu influência do gênero das crianças e nem da região onde elas residem.

Considerando-se a idade dos participantes, o teste de ANOVA revelou um efeito significativo, $F(2,135) = 8,296$, $p = 0,001$. Isto porque, crianças de 5 e 6 anos de idade apresentam médias significativamente mais baixas na identidade ($M = 3,13$) quando comparadas com as crianças de 8 e 9 anos ($M = 3,51$) e de 10 e 11 anos ($M = 3,76$). O efeito da cor da pele dos participantes também foi significativo, $F(2,135) = 21,680$, $p = 0,001$. Isto é, crianças brancas gostam mais de ser brancas ($M = 3,93$) do que as pardas ($M = 3,49$) e as pretas ($M = 2,98$) gostam de ser negras, e, entre crianças pardas e pretas, as pretas gostam menos de ser negras. O teste também revelou um efeito significativo na interação entre idade x cor da pele dos participantes, $F(4,135) = 4,302$, $p = 0,003$. O resultado dessa interação foi explicado pelo teste *post-hoc* de Least Significance Difference (LSD). No grupo de crianças brancas, as de 6 e 7 anos gostam mais de ser brancas do que as pardas ($p = 0,001$) e as pretas ($p = 0,001$), da mesma idade, gostam de ser negras. No grupo das crianças de 8 e 9 anos, as crianças brancas e as pardas gostam de ser como são ($p = 0,293$); ambas se diferenciam das crianças pretas que, nessas idades, gostam menos de ser como são ($p = 0,001$).

No grupo de crianças pardas, as de 6 e 7 anos gostam menos de ser negras do que as de 8 e 9 anos ($p = 0,029$) e as de 10 e 11 anos ($p = 0,009$). Todavia, as crianças pardas de 6 e 7 anos gostam mais de ser negras do que as pretas de 6 e 7 anos ($p = 0,038$) e de 10 e 11 anos ($p = 0,029$) gostam. Observou-se que, no grupo de crianças pretas, as mais novas (6-7 anos) gostam menos de ser negras quando comparadas com as crianças brancas de todos os grupos de idade ($p = 0,001$). Sob outra perspectiva, as crianças pardas ($p = 0,001$) e as pretas ($p = 0,045$) mais velhas (8-9 e 10-11 anos) gostam mais de ser negras do que as pretas mais novas (6-7) gostam. Somente no

grupo de 10 e 11 anos, não houve diferenças significativas na identidade das crianças brancas, pardas e pretas, todas apresentam médias altas quanto a gostar de ser como são. As médias que expressam estes resultados podem ser vistas na Tabela 2.

Tabela 2 – Médias e Desvios-Padrões (DP) da identidade racial (o quanto gosta de ser branco/negro), em função da interação da idade e da cor da pele (n= 136)

Idade	Cor da pele	Médias	DP
6-7 anos	Branco	4,00 ^a	0,000
	Pardo	3,00 ^b	0,894
	Preto	2,40 ^c	1,121
	Total	3,19	1,052
8-9 anos	Branco	3,95 ^a	0,229
	Pardo	3,67 ^b	0,651
	Preto	2,93 ^c	1,100
	Total	3,54	0,836
10-11 anos	Branco	3,85 ^a	0,671
	Pardo	3,82 ^a	0,405
	Preto	3,63 ^a	0,719
	Total	3,77	0,633

Nota. ^{a b c} a diferença média é significativa no nível 0,05.

Fonte: elaborada pelos autores.

Conforme esses resultados, nota-se que as crianças brancas são as que mais apresentam satisfação com a sua pertença racial, pois, em todas as idades, elas gostam de ser brancas. Observa-se que crianças pardas apresentam identidade racial menos positiva que as brancas e mais positiva do que as pretas, que, nos grupos de idades de 6 e 7 anos e de 8 e 9 anos, apresentam médias relativas a “gostar pouco” a “gostar mais ou menos”. Apenas nas idades de 10 e 11 anos, não se encontraram diferenças significativas nos três grupos das crianças, indicando que, no caso das crianças pardas e pretas, somente com o aumento da idade, elas tendem a gostar mais de serem negras e apresentam, conjuntamente com as brancas, identidade racial positiva.

Identidade racial (“prefere ser branco ou negro”)

Um teste Qui-quadrado foi realizado para examinar a hipótese 2, verificando-se os efeitos da idade e da cor da pele na preferência da criança por ser branca ou negra. Considerando a análise da cor da pele e da idade, o teste revelou que, no grupo das crianças de 6 e 7 anos, não há diferenças significativas, $X^2(2) = 3,007, p = 0,222$, pois neste grupo de idade, crianças brancas, pardas e pretas apresentam maior preferência por ser branco. Já no grupo de 8 e 9 anos, houve diferenças significativas, $X^2(2) = 9,301, p = 0,010$. Esta diferença está relacionada ao aumento de crianças pardas em preferirem ser negras. Já no grupo de 10 e 11 anos, o teste também mostrou diferenças significativas, $X^2(2) = 22,192, p = 0,001$. Neste grupo de idade, houve um maior

direcionamento das crianças pretas em preferirem ser negras, juntando-se às pardas nessa preferência. Os percentuais destes resultados podem ser vistos na Tabela 3.

Assim como na análise anterior, também verificou-se se havia influência do gênero e da região na preferência da criança por ser branca ou negra; o teste mostrou que nem o gênero, $X^2(3) = 0,929, p = 0,818$, nem a região, $X^2(3) = 0,885, p = 0,829$, influenciaram nesta preferência.

Tabela 3 – Percentagens e Residuais Ajustados (RA) da identidade racial (prefere ser branco ou negro), em função da idade e da cor da pele da criança (n = 136)

Cor da pele	Idade	Preferia ser branca	RA	Preferia ser negra	RA
Branco	6-7 anos	94,1%	2,7	5,9%	-2,7
	8-9 anos	78,9%	1,3	21,1%	-1,3
	10-11 anos	95,0%	3,0	5,0%	-3,0
Pardo	6-7 anos	72,7%	0,5	27,3%	-0,5
	8-9 anos	25,0%	-3,1	75,0%	3,1
	10-11 anos	27,3%	-2,8	72,7%	2,8
Preto	6-7 anos	73,3%	0,7	26,7%	-0,7
	8-9 anos	66,7%	0,1	33,3%	-0,1
	10-11 anos	25,0%	-3,6	75,0%	3,6
Total		65,4% (n = 89)		34,6% (n = 47)	

Fonte: elaborada pelos autores.

Semelhante aos resultados sobre gostar de pertencer ao seu grupo, as crianças brancas apresentam forte preferência em continuarem sendo brancas, em todos os grupos de idade. Este resultado é diferente quando é analisado em crianças pardas e as pretas mais novas (6-7 anos), que são as que mais apresentam desejo de mudança, e que preferiam ser brancas. Nas crianças pardas, esse quadro de preferência muda aos 8 e 9 anos, enquanto, nas pretas, este resultado só se iguala aos 10 e 11 anos. Ou seja, no processo de desenvolvimento da identidade racial nem todas as crianças apresentam identidade positiva, com destaque para as crianças pardas (6-7 anos) e para as crianças pretas (6-7 e 8-9), que apresentam maior desejo de mudança. Os dados elucidam que, com o aumento da idade, estas crianças apresentam maior afirmação positiva da identidade racial, desejando mais pertencer ao próprio grupo.

Percepção do valor social dos grupos

Realizou-se uma ANOVA para examinar a hipótese 3, isto é, os efeitos da idade e da cor da pele na percepção do valor social do grupo branco e do negro. Primeiro analisou-se a seguinte questão: "As outras pessoas gostam de pessoas com a cor de

pele branca?”. A escala variou de 1 a 3 pontos e, quanto maior o valor, maior a percepção da criança do valor social dos brancos. O teste mostrou que não há diferenças significativas nem na cor da pele, $F(2,134) = 0,889, p = 0,413$, nem na idade, $F(2,134) = 2,685, p = 0,072$, nem na interação idade x cor da pele, $F(4,134) = 0,254, p = 0,907$. Este resultado indica que as crianças, independentemente da cor da pele e da idade, apresentam médias altas de reconhecimento de que o grupo dos brancos é muito valorizado pelas outras pessoas (ver Tabela 4). Nesta análise, o teste também mostrou que não houve diferenças significativas no gênero, $F(1,134) = 0,609, p = 0,437$, e na região, $F(1,134) = 2,797, p = 0,10$. Isto é, independentemente do gênero e da região da criança, ela percebe que o grupo branco detém alto valor social.

Quanto à análise da questão “As outras pessoas gostam de pessoas com a cor de pele negra?”, o teste mostrou a existência de diferenças significativas na cor da pele das crianças, $F(2,134) = 6,180, p = 0,003$, mas não na idade, $F(2,134) = 2,620, p = 0,077$, nem na interação idade x cor da pele, $F(4,134) = 0,329, p = 0,858$. Para observar os efeitos significativos da cor da pele, realizou-se um teste *post-hoc* de Bonferroni. O teste mostrou diferenças significativas apenas nos grupos das crianças brancas e das crianças pretas ($p = 0,002$). Este resultado é explicado pelas médias ligeiramente diferentes desses dois grupos. Isto é, as crianças pretas ($M = 1,70$) avaliam mais do que as brancas ($M = 2,18$) que os negros são menos valorizados socialmente. Ou seja, as crianças pretas percebem, mais do que as brancas, o menor valor social dos negros, como é possível observar na Tabela 4.

Tabela 4 – Médias e Desvios-Padrões (DP) da percepção do valor social do branco e do negro, em função da cor da pele e da idade (n = 135)

Cor da pele	Idade	Valor social do branco		Valor social do negro	
		Médias	DP	Médias	DP
Branco	6-7 anos	3,00	0,000	2,19	0,911
	8-9 anos	2,95	0,229	2,37	0,684
	10-11 anos	3,00	0,000	2,00	0,649
	Total	2,98	0,135	2,18*	0,748
Pardo	6-7 anos	3,00	0,000	2,09	0,831
	8-9 anos	2,92	0,289	2,08	0,669
	10-11 anos	3,00	0,000	1,64	0,505
	Total	2,97	0,171	1,94	0,694
Preto	6-7 anos	2,93	0,258	1,67	0,816
	8-9 anos	2,87	0,352	1,80	0,561
	10-11 anos	3,00	0,000	1,62	0,500
	Total	2,93	0,250	1,70*	0,628

Nota. * a diferença média é significativa no nível 0,05.

Fonte: elaborada pelos autores.

Nesta análise, o teste não indicou diferenças significativas no gênero da criança, $F(1,134) = 1,818, p = 0,18$, mas indicou na região, $F(1,134) = 11,137, p = 0,001$. Isto porque, crianças do interior da Bahia ($M = 1,72$) relataram mais do que as crianças da capital da Paraíba ($M = 2,13$) que o grupo negro detém menor valor social.

No geral, observa-se que as médias da percepção das crianças do valor social do grupo dos negros, diferentemente das médias do grupo dos brancos, não são próximas do valor 3 (gostar muito), mas estão entre os valores 1 e 2 (não gostar e gostar mais ou menos). Esses dados atestam que as crianças pardas, pretas e brancas, nas idades dos 6 aos 11 anos, percebem que a sociedade valoriza mais os brancos e desvaloriza os negros. Os resultados elucidam uma consistência nesse reconhecimento, mas também indicam que as crianças pretas, mais do que as brancas, e as crianças residentes na cidade do interior do Nordeste, mais do que as que residem na cidade da capital, demonstraram-se ainda mais conscientes da desvalorização social do negro.

DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar os efeitos da cor da pele e da idade na identidade racial e na percepção do valor social dos negros e dos brancos, em crianças negras e brancas de 6 a 11 anos. A primeira hipótese foi a de que crianças brancas de todos os grupos de idade gostam mais de ser brancas, do que as crianças pardas e pretas gostam de ser negras; mas que haveria diferenças no grupo das crianças negras, sendo que aquelas que se identificam como pardas gostam mais de sua cor do que aquelas que se identificam como pretas. Essa hipótese também previa que as crianças pardas e as crianças pretas mais novas (6-7 anos) gostam menos de ser negras, em comparação às pardas e às pretas mais velhas (8-11 anos). Os resultados confirmaram a hipótese 1. Observou-se que as crianças brancas de todas as idades gostam de ser brancas e que, no grupo das negras, as pardas gostam mais de ser negras do que as pretas gostam. Comparativamente às crianças mais velhas, as pardas e pretas mais novas são as que menos gostam de ser negras. Somente nas idades de 10 e 11 anos, não houve diferenças significativas nos grupos das crianças brancas, pardas e pretas.

Esses resultados são semelhantes aos encontrados por França e Monteiro (2002). As autoras concluíram que a satisfação da criança, frente ao seu pertencimento, é muito importante para a sua identidade. Elas avaliam que, quanto mais a criança gosta de pertencer ao seu grupo, mais positiva é a sua identidade. Nesse sentido, os resultados deste estudo mostram que crianças pardas e crianças pretas desenvolvem uma

identidade racial menos positiva do que as crianças brancas, que estão satisfeitas e gostam do seu pertencimento. O desgosto e a insatisfação da criança pela sua pertença afetam a sua autoestima e o seu autoconceito, pois são partes constituintes da identidade racial (TAJFEL; TURNER, 1979, 1986). Esses sentimentos podem levar à recusa por pertencer ao próprio grupo e ao desejo em pertencer ao grupo socialmente valorizado (CLARK; CLARK, 1947; FRANÇA; MONTEIRO, 2002; TRINIDAD, 2011).

Na segunda hipótese, verificou-se se as crianças gostariam de ser do próprio ou do outro grupo. A hipótese predizia que, em todos os grupos de idades, crianças brancas preferem ser brancas, e que as crianças pardas e as crianças pretas tenderiam a preferir ser brancas, mas que essa preferência seria mais forte nas crianças mais novas (6-7 anos). Essa hipótese foi confirmada. Os resultados mostraram que tanto as crianças brancas, quanto as pardas e as pretas gostariam de ser brancas. No grupo das crianças brancas, não houve diferenças nas idades. Como previsto, as crianças pardas e as pretas mais novas são as que mais gostariam de mudar de grupo e serem brancas. Semelhante aos resultados anteriores, aos 10 e 11 anos, já não houve diferenças, pois todos os grupos de crianças tenderam a preferir ser como são. Este resultado também nos indica que as crianças brancas de todas as idades e somente as negras mais velhas (de 10 e 11 anos) apresentam identidade racial positiva.

Conforme a teoria da identidade social, a percepção da assimetria de tratamentos que os diferentes grupos raciais recebem, como o status de desvalorização, ou ainda, a consciência de que existem grupos que são alvos de preconceitos e de estereótipos, pode gerar diversas respostas nos sujeitos pertencentes ao grupo socialmente desvalorizado, para tentar encontrar formas para elevar a sua autoestima. Uma dessas formas é a mobilidade social, isto é, a ação de desassociar-se do grupo que é socialmente desvalorizado. Uma das características dessa ação é o desejo pelo branqueamento (FRANÇA; MONTEIRO, 2002). Os dados encontrados neste estudo podem estar relacionados a esse fato, pois, enquanto as crianças brancas, pertencentes ao grupo de status social mais valorizado, continuam a preferir ser brancas, parte das crianças negras, pertencentes ao grupo de status social menos valorizado, preferiam ser brancas. Tal fato corrobora os dados de pesquisas anteriores, que afirmam que os indivíduos geralmente estão mais satisfeitos e se identificam mais fortemente com o próprio grupo quando o seu status social é alto e positivo (e.g., ELLEMERS, 1993).

Por outro lado, nossos achados mostram que a maioria das crianças negras mais velhas (10-11 anos) relatam gostar de ser como são e preferem ser negras. Este é um dado importante e que pode nos indicar que elas estão afirmando a identidade negra.

Alguns questionamentos poderiam ser explorados em novas pesquisas, por exemplo: O que tem contribuído para a afirmação da identidade negra dessas crianças? O que tem feito com que elas gostem de ser negras e prefiram pertencer ao próprio grupo, sobretudo, considerando-se que elas estão conscientes do valor social do seu grupo?

Sem dúvidas, a satisfação das crianças negras mais velhas com o seu pertencimento racial é bastante animadora. Um indício para essa afirmação da identidade pode estar nos esforços de pais, educadores e movimentos sociais, em particular do Movimento Negro, em promover uma educação voltada para a identidade negra positiva, que se dá, por exemplo, por meio da valorização do grupo negro, da sua história e cultura, bem como através da elevação da autoestima das crianças, ao propiciar um sentimento positivo e de orgulho em ser negro. As políticas públicas antirracistas também influenciam na identidade de crianças negras, a exemplo da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, bem como a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), que preconiza que parte das vagas em cursos de graduação nas universidades seja preenchida por pretos e pardos. Estudos afirmam que essas leis trouxeram impactos importantes para a realidade das pessoas negras e contribuíram para a construção de uma identidade negra mais positiva na infância (e.g., FRANÇA; SILVA; MOREIRA-PRIMO, no prelo).

Todavia, é importante considerar que a abordagem que foi feita com as crianças mais novas e com as mais velhas foi a mesma, utilizando-se dos mesmos procedimentos e instrumentos. Deve-se levar em consideração que crianças mais velhas, por estarem cognitivamente mais desenvolvidas comparativamente às crianças menores, percebem a perspectiva mental dos outros, ou seja, sabem que o pensamento delas é influenciado por seus interesses, suas crenças e emoções (FRANÇA, 2016; FRANÇA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2020; LESLIE, 1987). Por esses motivos, elas avaliam os comportamentos apropriados, esperados ou desejáveis em uma situação, analisando por exemplo: “O que é melhor ou não a ser respondido?” “Como posso dizer para ser bem-visto?” Ou seja, pode ocorrer de crianças maiores responderem de acordo com o que é mais agradável, ou ainda, ao perceber que sendo a cor da pele imutável (ABOUD, 1988), não há muito o que fazer a esse respeito, respondendo de modo coerente cognitivamente. Respostas desejáveis ocorrem de acordo com o grau de desenvolvimento do indivíduo e do quanto ele apresenta maior grau de familiaridade com as normas e valores socialmente aceitos (MONTEIRO; FRANÇA; RODRIGUES, 2009). Sugere-se, para estudos futuros, a utilização de instrumentos que controlem a desejabilidade social.

A terceira e última hipótese deste estudo buscou verificar se as crianças, em todos os grupos de idade (6 a 11 anos), perceberiam que o grupo dos brancos, em comparação ao grupo dos negros, detém maior valor social. Nossos achados confirmaram essa hipótese. Verificou-se que, em todas as idades e todos os grupos raciais das crianças, houve um reconhecimento de que os brancos, em comparação aos negros, são mais valorizados pela sociedade. Este achado confirma que a percepção sobre o valor social dos grupos, por parte da criança, ocorre antes dos 6 anos, como afirmam outros estudos. Por exemplo, Bento (2012) já indicava que crianças pequenas estão atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, e que percebem que o fenótipo branco é o que mais agrada, enquanto o fenótipo negro é aquele que não é bem aceito. Essas descobertas têm importantes implicações sociais. Uma delas é que o trabalho educativo com as crianças sobre questões raciais precisa acontecer desde a primeira infância. Muitos professores, pais e outros adultos evitam falar sobre raça e racismo com as crianças acreditando que elas não notam cor, diferenças de tratamento ou que não expressam preconceito (CAVALLEIRO, 2012). Os nossos dados evidenciam que, pelo contrário, as crianças percebem que o valor social dispensado ao negro é menor do que aquele dispensado ao branco, bem como que as identidades das crianças negras são afetadas pelo racismo existente na sociedade brasileira. Tais fatos alertam sobre a necessidade de criar espaços seguros e educativos sobre o tema das diferenças raciais, para que as crianças cresçam conscientes da importância do tratamento igual, inclusivo e justo, e para que possam apreciar e celebrar as diferenças.

Entre os dados da percepção social dos grupos, observou-se, ainda, que as crianças pretas, em comparação com as crianças brancas, apresentam maior percepção da desvalorização social do grupo negro. Este achado pode estar relacionado ao fato de que as crianças pretas são pertencentes ao grupo negro e possivelmente observam mais os lugares sociais que os indivíduos do seu grupo ocupam, mas também são, por deterem as características do grupo, as principais vítimas diretas de preconceitos e discriminações raciais, a exemplo de exclusão e xingamentos (MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020). Um achado semelhante a este foi encontrado por Clark Mckow e Rhona Weinstein (2003), que mostra que crianças estigmatizadas (e.g., afro-americanas) têm mais consciência dos estereótipos sociais acerca do seu grupo racial do que as crianças não-estigmatizadas (e.g., brancas).

O estudo de Mckow e Weinstein também examinou o que muda ou acontece na vida das crianças ao tomarem consciência da existência de estereótipos negativos contra o seu grupo, o qual revela consequências graves em suas vidas, especialmente

no contexto escolar. Por exemplo, uma criança ou um adolescente que faz um exame padronizado, ao saber que existem estereótipos sociais negativos contra o seu grupo de pertença, pode ficar preocupado com o fato de seu desempenho ser julgado pelas lentes do estereótipo sobre a sua capacidade intelectual (MCKOW; WEINSTEIN, 2003; STEELE; ARONSON, 1995). Sob essa pressão, o desempenho da criança ou do adolescente pode ser afetado. Em outra situação, uma criança pode inferir que seu professor espera menos de pessoas de sua etnia ou de sua raça. Essa observação pode, por sua vez, afetar a forma como a criança responde às estratégias instrucionais do professor e afetar as respostas da criança em relação à escola (MCKOW; WEINSTEIN, 2003). Um estudo realizado no Brasil mostrou que, diante da consciência dos estereótipos em relação ao seu grupo, adolescentes negros escolhem menos profissões de alto status social, se comparados a adolescentes brancos (SANTOS, 2018). Esses exemplos ilustram uma série de processos sociais que preveem consequências da consciência dos estereótipos, incluindo ameaça de estereótipos (STEELE; ARONSON, 1995). Esses dados poderiam servir de base para futuros estudos com crianças, investigando diferentes efeitos da tomada de consciência do valor social dos grupos.

Embora este estudo forneça importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento da identidade racial e da percepção do valor social dos grupos em crianças, observa-se a existência de algumas limitações. Uma delas está no fato de que este estudo foi realizado em uma amostra pequena e se concentrou em apenas duas cidades do Nordeste brasileiro. É provável que nossos dados retratem a realidade desses lugares e do modo como são encaradas as questões raciais dos contextos nos quais esta pesquisa foi realizada. Para uma análise mais ampla, um número maior de crianças e outras realidades brasileiras precisam ser examinadas. Estudos futuros também poderiam buscar compreender se existe relação entre a identidade racial dos pais com a identidade racial dos filhos, bem como verificar se diálogos sobre racismo e estratégias de valorização da identidade racial nas famílias e nas escolas influenciam positivamente a construção da identidade racial das crianças.

Além disso, é necessário considerar que a construção da identidade racial é um processo fluído e contínuo. Para as crianças negras, em particular, tornar-se negro é um movimento desafiador de reconhecimento e afirmação positiva desta identidade (ver SOUZA, 1983), uma vez que elas estão imersas em uma sociedade racista, de dominação cultural branca. Nesse processo, ideologias como o branqueamento podem produzir impactos de forma particular entre crianças pretas e pardas, de modo que os nossos resultados também apontam para a necessidade de uma maior exploração da

identidade no que se refere a crianças pardas. Há questões importantes a serem problematizadas no que se refere a ser pardo na nossa sociedade, por exemplo: Como as crianças percebem o que é ser pardo no contexto do Brasil? Como essa percepção afeta a construção da identidade racial de crianças pardas? É preciso que estudiosos procurem responder a questionamentos como esses e que busquem compreender atentamente a construção da identidade dessas crianças.

Outro elemento importante é o gênero da criança. Apesar de não ter influenciado os resultados encontrados neste estudo, considera-se necessário que pesquisas futuras se concentrem mais nesta variável. É possível que meninas e meninos negros, por estarem submetidos às mesmas condições de discriminação racial no cenário brasileiro, tenham percebido de modo similar os aspectos considerados nos indicadores analisados nesta pesquisa. Contudo, especificidades próprias do gênero em interação com a raça não consideradas nesta pesquisa são importantes, como os relativos à aparência física, a exemplo do impacto do cabelo crespo na formação da impressão sobre a mulher negra. A esse respeito, um conjunto de estudos ilustra a relação do cabelo crespo com a identidade de meninas negras (e.g., CHAVES; OLIVEIRA, 2018; GAUDIO, 2013; GOMES, 2002; SANTIAGO, 2014). Tais pesquisas verificam que muitas delas são frequentemente expostas a experiências de preconceito por conta do cabelo. Essas experiências negativas influenciam a identidade dessas crianças que, muitas vezes, manifestam insatisfação com o seu cabelo crespo e desejam possuir o cabelo liso.

Um último dado interessante deste estudo é que o contexto em que residem as crianças, se no interior ou na capital, teve efeito apenas na percepção do valor social do negro. Isto é, crianças que residem na cidade do interior da Bahia relataram mais desvalorização social do negro do que as crianças que residem na cidade da capital da Paraíba. Este é um resultado que poderia servir de estímulo para novas pesquisas empíricas, com caráter comparativo, aumentando a amostra e, também, as regiões e os diferentes contextos do país. Ainda assim, conclusões sobre diferenças contextuais parecem ser limitadas, mas consideramos que o contexto em que vive a criança pode ser uma variável promissora analisada em futuros estudos. Por outro lado, a região não influenciou na identidade racial. Este achado pode estar relacionado ao fato de que, em todo o Brasil, quer seja na capital, quer seja no interior, a desigualdade assola mais a população negra do que a população branca, como demonstram dados do IBGE (2018, 2019b), que evidenciam que essas disparidades se apresentam em diversos setores da vida, a exemplo da moradia, do emprego, da renda e da educação.

Estudos demonstram que contextos de racismo e de opressão racial, em que crianças de minorias raciais são expostas à desigualdade e à discriminação, contribuem para o desenvolvimento da identidade racial mais negativa (CAVALLEIRO, 2012; MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020). Outros estudos demonstram que transformações estruturais e contextuais, enfraquecendo o racismo e assegurando a igualdade de tratamentos e de valorização dos diversos grupos raciais, contribuem para mudanças positivas no desenvolvimento da identidade racial (QUINTANA; SEGURA-HERRERA, 2003; DORIA; FRANÇA; LIMA, 2021). A literatura afirma, ainda, que o fortalecimento da identidade racial em espaços como a escola e a família pode agir como fator de proteção e bem-estar, bem como de produção de resiliência para compensar as adversidades enfrentadas por crianças e por jovens minoritários (FRANÇA; SILVA; SANTOS; BATISTA, 2019; GFELLNER; ARMSTRONG, 2012).

A área de pesquisa na socialização étnico-racial, que analisa como famílias e escolas socializam as crianças em vários tipos de mensagens, atividades e comportamentos parentais e escolares, em relação a valores, tradições e práticas associadas ao seu grupo racial, tem evidenciado que práticas como contar histórias, ler livros, celebrar datas marcantes da cultura ou etnia de origem e promover o orgulho racial contribuem positivamente para o fortalecimento da identidade e da autoestima de crianças de minorias raciais e étnicas (CARDOSO; BONOMO, 2019; FRANÇA et al., 2019; HUGHES et al., 2006; HUGULEY et al., 2019), pois ajudam a desenvolver nas crianças um conceito mais positivo em relação a si mesmas e ao grupo de pertença. Práticas como essas, realizadas nas famílias e nas escolas, podem contribuir para que a identidade racial da criança negra se desenvolva de forma positiva e fortalecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os efeitos da cor da pele e da idade na identidade racial e na percepção do valor social dos negros e dos brancos, em crianças negras e brancas de 6 a 11 anos. Com base nos dados examinados, foi possível oferecer um entendimento de como as crianças negras e brancas, no Brasil, desenvolvem suas identidades raciais e a percepção do valor social dos grupos raciais. Foram evidenciados os efeitos deletérios do racismo na construção da identidade racial de crianças negras e discutidas as características específicas no desenvolvimento da identidade racial. No que tange ao desenvolvimento da percepção do valor social dos grupos raciais, o trabalho demonstrou que o tratamento dispensado aos grupos não escapa da percepção das

crianças que, desde muito cedo, percebem como a sociedade desvaloriza ou favorece os grupos raciais. Fica evidente que um dos efeitos da desvalorização social do grupo negro é a construção de uma identidade racial menos positiva das crianças negras.

Diante dos resultados deste estudo, torna-se urgente a necessidade de criação e implementação de trabalhos e intervenções que promovam o fortalecimento da identidade das crianças negras e que visem à superação do racismo na infância. Tais trabalhos devem considerar as fases de desenvolvimento em que as crianças se encontram, além da compreensão dos processos que subjazem a constituição das identidades raciais e das percepções acerca do valor social dos grupos. Já as intervenções devem possibilitar que as crianças tenham acesso a informações sobre os diversos grupos raciais de forma positiva. É primordial que as crianças sejam educadas e socializadas para conhecer e celebrar as diferenças e a multiculturalidade, com o propósito de superar o racismo, de construir relações mais harmoniosas e de tornar salutar o processo de desenvolvimento de suas identidades raciais.

REFERÊNCIAS

ABOUD, Frances. The development of ethnic self-identification and attitudes. In: PHINNEY, Jean; ROTHERAM, Mary Jane (Eds.). **Children's ethnic socialization: Pluralism and development** (pp. 32-55). Londres: Sage Publications, 1987.

ABOUD, Frances. **Children and prejudice**. Oxford: Basil Blackwell, 1988.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, pp. 98-114, 2012.

CABECINHAS, Rosa. Racismo, racialização e etnicização das minorias. In: CABECINHAS, Rosa (Ed.). **Preto e Branco: A naturalização da discriminação racial** (1ª Edição). Campo das Letras, 2007.

CAMILO, Dione do Nascimento; MOURA, Giovanna Barroca de; PIMENTEL, Carlos Eduardo; NORIEGA, José Angel Vera; CAVALCANTI, Jaqueline Gomes. Preconceito racial entre crianças da educação infantil: Revisitando Clark & Clark (1947). **CES Psicología**, 13(2), 32-45, 2020. <https://doi.org/10.21615/cesp.13.2.3>

CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana Raquel Rosas. Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In: CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana Raquel Rosas; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel (Orgs.). **Psicologia Social: Temas e Teorias** (2a ed., pp. 541-587). Brasília: Technopolitik, 2013.

CARDOSO, Greycy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. Infância Calin: Socialização Étnica e Identidade Social entre Crianças Ciganas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6ª Ed. São Paulo. Contexto. 2012.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes; OLIVEIRA, Waldete Tristão de. "O Jefferson falou que o meu cabelo é feio, é ruim": cabelo crespo e empoderamento de meninas negras na creche. **Revista Zero-a-Seis**, v. 9, n. 37, p.170-192, 2018.
<https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p170>

CLARK, Kenneth; CLARK, Mamie. Racial identification and preference in Negro children. In: NEWCOMB, Theodore; HARTLEY, Eugene (Eds.). **Readings in social psychology** (pp. 169-178). New York, NY: Henry Holt, 1947.

CLARK, Kenneth; COOK, Stuart. **Prejudice and your child**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1988.

DORIA, Andrea dos Santos; FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Afirmação da identidade étnico-racial em crianças quilombolas e não quilombolas. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afrobrasileiros**, v. 4, n. 8, 2021.

ELLEMERS, Naomi. The influence of socio-structural variables on identity management strategies. **European Review of Social Psychology**, 4, 27-57, 1993. Chichester: Wiley. DOI: [10.1080/14792779343000013](https://doi.org/10.1080/14792779343000013)

FIELD, Andy. **Descobrimos a estatística usando o SPSS** [recurso eletrônico] / Andy Field; tradução Lorí Viali. – 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANÇA, Dalila Xavier de. From a sense of self to understanding relations between social groups. In: VALA, Jorge; WALDZUS, Sven; CALHEIROS, Maria Manuela (Eds.). **The social developmental construction of violence and intergroup conflict** (pp. 35–53). Springer International Publishing AG, 2016. https://doi.org/10.1007/978-3-319-42727-0_2

FRANÇA, Dalila Xavier de; SILVA, Kalil da Costa; LIMA, Izy Rebeka Gomes; OLIVEIRA, Yasmim Nascimento de. Normas Sociais e Morais, Desenvolvimento Cognitivo e Expressão do Racismo em Crianças. In: LIMA, Marcus E. Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier; FREITAG, Raquel Meister Ko. (orgs.). **Processos psicossociais de exclusão social** (pp.197-218). São Paulo: Blucher, 2020. DOI [10.5151/9786555060393-10](https://doi.org/10.5151/9786555060393-10)

FRANÇA, Dalila Xavier de; SILVA, Kalil da Costa; SANTOS, Ananda Rosa dos; BATISTA, Lucélia dos Santos. Socialização racial/étnica materna e identidade racial/étnica dos filhos. In: FARO, André; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de; ENUMO, Sonia Regina Fiorim; PEREIRA, Cícero Roberto. (Orgs.). **Psicologia Social e Psicologia da Saúde: tópicos atuais** (pp.81-98). Curitiba: CRV, 2019.

FRANÇA, Dalila Xavier de; SILVA, Khalil da Costa; MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos. Políticas antirracistas e identidade étnico-racial na infância no Brasil, (no prelo).

FRANÇA, Dalila Xavier de; MONTEIRO, Maria Benedicta. Identidade racial e preferências e em crianças brasileiras de cinco e dez anos. **Psicologia**, Vol. XVI (2). Pp.293-323, 2002. DOI: [10.17575/rpsicol.v16i2.482](https://doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.482)

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GFELLNER, Barbara; ARMSTRONG, Helen. Racial-Ethnic Identity and Adjustment in Canadian Indigenous Adolescents. **Journal of Early Adolescence**, 33(5) 635–662, 2012. DOI: [10.1177/0272431612458036](https://doi.org/10.1177/0272431612458036)

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 21, pp. 40-51, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>

HIRSCHFELD, Lawrence. Do children have a theory of race? **Cognition**, v. 54, n. 2, p. 209-252, 1995. DOI: [10.1016/0010-0277\(95\)91425-R](https://doi.org/10.1016/0010-0277(95)91425-R)

HUGHES, Diane; RODRIGUEZ, James; SMITH, Emilie; JOHNSON, Deborah; STEVENSON, Howard; SPICER, Paul. Parents' ethnic-racial socialization practices: a review of research and directions for future study. **Dev Psychol.**, Sep;42(5):747-70, 2006. DOI: [10.1037/0012-1649.42.5.747](https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.5.747)

HUGULEY, James; WANG, Ming-Te; VASQUEZ, Ariana; GUO, Jiesi. Parental ethnic-racial socialization practices and the construction of children of color's ethnic-racial identity: A research synthesis and meta-analysis. **Psychological Bulletin**, 145(5), 437–458, 2019. DOI: [10.1037/bul0000187](https://doi.org/10.1037/bul0000187)

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018** / Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Link: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>

IBGE. **Conheça o Brasil – População COR OU RAÇA**. PNDA, (2019a). Link: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, (2019b). Link: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

LESLIE, Alan. Pretense and representation: The origins of "theory of mind." **Psychological Review**, 94(4), 412–426, 1987. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.94.4.412>

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estud. Psicol.**, v. 9, n. 3. Natal Sep/Dec, 2004. Link: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>

LOBUE, Vanessa; NISHIDA, Tracy; CHIONG, Cynthia; DELOACHE, Judy; HAIDT, Jonathan. When getting something good is bad: Even three-year-olds react to inequality. **Social Development**, 20(1), 2009. DOI: [10.1111/j.1467-9507.2009.00560.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2009.00560.x)

MCKOWN, Clark; WEINSTEIN, Rhona. The development and consequences of stereotype consciousness in middle childhood. **Child Development**, 74, 498-515, 2003. DOI: [10.1111/1467-8624.7402012](https://doi.org/10.1111/1467-8624.7402012)

MILNER, David. **Children and race: ten years on**. Londres: Ward Lock Educational, 1983.

MONTEIRO, Maria Benedicta. A construção da exclusão social nas relações interétnicas: Orientações teóricas e de investigação na perspectiva do desenvolvimento. **Psicologia**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 271-292, jul, 2002. DOI: [10.17575/rpsicol.v16i2.481](https://doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.481)

MONTEIRO, Maria Benedicta; FRANÇA, Dalila Xavier de; RODRIGUES, Ricardo. The development of intergroup bias in childhood: how social norms can shape children's racial behaviours. **International Journal of Psychology**, n. 44, v. 1, p. 29-39, 2009. DOI: [10.1080/00207590802057910](https://doi.org/10.1080/00207590802057910)

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANCA, Dalila Xavier de. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar? **Revista UNIABEU**, v. 13, n. 33, p. 24-44, 2020. DOI: [10.46375/uniabeu.v13n33.3980](https://doi.org/10.46375/uniabeu.v13n33.3980)

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004.

PHINNEY, Jean. Understanding ethnic diversity: The role of ethnic identity. **American Behavioral Scientist**, 40(2), 143-152, 1996. DOI: [10.1177/0002764296040002005](https://doi.org/10.1177/0002764296040002005)

QUINTANA, Stephen. A model of ethnic perspective taking ability applied to Mexican American children and youth. **International Journal of Intercultural Relations**, 18, 419-448, 1994. DOI: [10.1016/0147-1767\(94\)90016-7](https://doi.org/10.1016/0147-1767(94)90016-7)

QUINTANA, Stephen; VERA, Elizabeth. Mexican American children's ethnic identity, understanding of ethnic prejudice, and parental ethnic socialization. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, 21, 387-404, 1999. DOI: [10.1177/0739986399214001](https://doi.org/10.1177/0739986399214001)

QUINTANA, Stephen; SEGURA-HERRERA, Theresa. Developmental Transformations of Self and Identity in the Context of Oppression. **Self and Identity**, 2:4, 269-285, 2003. DOI: [10.1080/714050248](https://doi.org/10.1080/714050248)

RAMSEY, Patricia. Young children's thinking about ethnic differences. In: PHINNEY, Jean; ROTHERAM, Mary Jane (Eds.). **Children's ethnic socialization: Pluralism and development** (pp. 56-72). Newbury Park: Sage Publications, 1987.

ROCCAS, Sonia; BREWER, Marilynn. Social Identity Complexity. **Personality & Social Psychology Review**. 6 (2), 88-106, 2002. DOI: [10.1207/S15327957PSPR0602_01](https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602_01)

SACCO, Airi; COUTO, Maria Clara P. de Paula; KOLLER, Sílvia. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 233-250, mar., 2016. DOI: [10.9788/TP2016.1-16](https://doi.org/10.9788/TP2016.1-16)

SANTIAGO, Flávio. **“O meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado”**: Hierarquização e racialização das crianças pequenininhas negras na educação infantil. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE/UNICAMP, 2014.

SANTOS, Israel Jairo. **Ameaça do estereótipo em jovens negros na escolha profissional**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SILVA, Jefferson Andrade; COSTA, Rita de Cássia da Silva; LIMA-NUNES, Aline; FRANÇA, Dalila Xaxier de. O efeito da cor de pele na construção da identidade racial em crianças. **Quaderns de Psicologia**. Vol. 23, n .3, e1777, 2021.
<https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1777>

SHESKIN, Mark; BLOOM, Paul; WYNN, Karen. Anti-equality: social comparison in young children. **Cognition**. Feb;130(2):152-6, 2014. DOI:
[10.1016/j.cognition.2013.10.008](https://doi.org/10.1016/j.cognition.2013.10.008)

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

STEELE, Claude; ARONSON, Joshua. Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, 797-811, 1955. DOI: [10.1037/0022-3514.69.5.797](https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.5.797)

TAJFEL, Henri. **Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup behavior**. Londres: Academic Press, 1978.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais: Estudos em psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

TAJFEL, Henri; BILLIG, M. G.; BUNDY, R. P.; FLAMENT, Claude. Social categorization and intergroup behaviour. **European Journal of Social Psychology**, 1(2), 149–178, 1971. DOI: [10.1002/ejsp.2420010202](https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202)

TAJFEL, Henri; TURNER, John. An integrative theory of social conflict. In: AUSTIN, William; WORCHEL, Stephen (Eds.). **The social psychology of intergroup relations**. Monterey: Brooks, 1979.

TAJFEL, Henri; TURNER, John. The social identity theory of intergroup behavior. In: WORCHEL, Stephen; AUSTIN, William (Eds.). **Psychology of intergroup relations** (pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall, inc, 1986.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição, 2013.

NOTAS

Título da Obra

IDENTIDADE RACIAL E PERCEÇÃO DO VALOR SOCIAL DOS GRUPOS PELAS CRIANÇAS: UMA ANÁLISE EM TERMOS DE DESENVOLVIMENTO

Racial identity and children perception of the social value of groups: an analysis in terms of development

Ueliton Santos Moreira-Primo

Mestre em Psicologia
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
São Cristóvão, Brasil
uelitonpsi@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0001-7784-5341>

Dalila Xavier de França

Doutora em Psicologia Social
Professora Titular
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Departamento de Psicologia
São Cristóvão, Brasil
dalila@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0002-0431-3034>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Avenida Franklin de Campos Sobral, 2254, 49027-000, Aracaju, Sergipe, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos membros do Grupo de Pesquisa Socialização das Atitudes Intergrupais e Racismo (GPSAIR), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pelo apoio dado para a realização da pesquisa e pelos excelentes apontamentos para a versão final do artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: U. S. Moreira-Primo, D. X. França.

Coleta de dados: U. S. Moreira-Primo, D. X. França.

Análise de dados: U. S. Moreira-Primo, D. X. França.

Discussão dos resultados: U. S. Moreira-Primo, D. X. França.

Revisão e aprovação: U. S. Moreira-Primo, D. X. França.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Bolsa Capes em nível de mestrado, recebida pelo primeiro autor. Processo nº 88882.443167/2019-01.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, em 06/05/2019. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: nº 09377619.0.0000.5546

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta

licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 30-08-22 – Aprovado em: 11-12-22